

RESUMO - GT3 - CORPOS NOS/DOS ESPAÇOS: EDUCAÇÃO E  
CULTURAS

**CORPOS E EXPERIÊNCIAS DE INSURGÊNCIAS NAS PRÁTICAS DE  
CUIDADO À CRIANÇAS E ADOLESCENTES TRANS**

*Lune Beatriz Valadão Vidal (lune.beatrizvidal@gmail.com)*

*Júlia Muniz De Alvarenga (juliamunizalvarenga@gmail.com)*

Este trabalho nasce do reconhecimento de que a pesquisa não acontece apesar dos corpos que a produzem, mas justamente através deles, sendo assim, a pesquisa que mencionaremos a seguir, parte do encontro entre duas experiências formativas atravessadas por tempos e contextos diferentes. Uma delas é de uma pessoa negra de gênero não-binário, estudante de Psicologia e bolsista de iniciação científica, cuja presença na universidade se sustenta em coletivos trans, negros e antimanicomiais, espaços que desafiam a homogeneidade dos corredores acadêmicos. A outra experiência é de uma mulher branca cisgênera, psicóloga e pesquisadora de pós-doutorado, formada em um período em que discussões sobre gênero eram praticamente inexistentes no currículo, mas que teve a oportunidade de buscar brechas em encontros que escapavam dos limites institucionais. É a partir desse encontro e de muitos outros, que desenvolvemos a pesquisa “O cuidado e o acolhimento em saúde oferecidos a crianças e adolescentes trans em situação de rua na cidade do Rio de Janeiro”, realizada na Fiocruz. A investigação busca compreender como políticas públicas, em especial de saúde e saúde mental, têm produzido (ou falhado em produzir) práticas de cuidado para infâncias e adolescências trans que vivenciam múltiplas vulnerabilidades, com ênfase para

a situação de rua. Nossa metodologia é atravessada pelas contribuições da Educação Popular, entendida aqui não apenas como um conjunto de técnicas, mas como uma posição ética e política: horizontalidade, problematização, reconhecimento dos saberes da experiência, compromisso com a transformação coletiva. As rodas de conversa com profissionais da rede pública de saúde, integrantes de movimentos sociais e formuladores de políticas públicas foram concebidas como espaços pedagógicos, onde pesquisadoras e participantes aprendem, desaprendem e se deslocam. Nessas rodas, problematizamos coletivamente questões como: Como profissionais da saúde podem ampliar sua compreensão sobre cuidado e acolhimento de crianças e adolescentes trans? Como desenvolver formas sensíveis de escuta capazes de atravessar fronteiras normativas de gênero, raça, classe e geração? Que práticas já existem, mas permanecem invisibilizadas ou isoladas dentro da rede? Pontos recorrentes nas discussões foram a formação e a educação permanente dos trabalhadores de saúde. Nas rodas, trabalhadores trans relataram como a presença de seus corpos nas instituições tensiona normas e protocolos, criando brechas de cuidado e sustentando práticas de acolhimento. Ao mesmo tempo, destacaram a sobrecarga e o isolamento diante das violências institucionais transfóbicas que atravessam seus cotidianos. Essas experiências evidenciam a urgência de uma maior implicação de pessoas cisgêneras nas reflexões e práticas, reforçando que a responsabilidade pela transformação é coletiva e se concretiza na ação conjunta dentro dos serviços, nos espaços acadêmicos e nos movimentos sociais. A presença de diferentes corpos e perspectivas transforma a pesquisa em espaço educativo, onde investigar significa também aprender, desaprender e co-produzir saberes que podem ampliar o cuidado na rede pública de saúde.

Palavras-chave: infâncias e adolescências trans; educação permanente; saúde; trabalhadores da saúde.